

SOUZA-BORTOLINI, Neide das Graças de. *Visibilidade*. Ouro Preto: Escola de Belas Artes – Universidade Federal de Minas Gerais; Doutorado; Artes Cênicas – Orientador: Antonio Hildebrando. Bolsista PMCD – Programa Mineiro de Capacitação Docente – CAPES. Professora no Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto.

RESUMO

A *visibilidade* da narrativa se conecta à teatralidade em *Os nossos antepassados*, o que parece concorrer para as transcrições cênicas das obras literárias de Ítalo Calvino. Ao tratar da *visibilidade*, a quarta proposta para este milênio, o autor se refere à “civilização da imagem” questionando os potenciais imagéticos da atualidade. A profusão de imagens infinitamente multiplicada com o avanço das tecnologias digitais e com o fenômeno *web* incide nos processos cognitivos e sociais, nos processos de recepção, de criação ou de autoria de imagens. A *visibilidade* se relaciona ao “pensar por imagens”, profundamente vinculado aos procedimentos da criação teatral. Sendo assim, o escritor descreve como as imagens dirigiram o processo de criação das três obras que compõem *Os nossos antepassados*. Em outro panorama de discussões que tratam do esvaziamento da representação, há Foucault, Blanchot e Lehmann, que explicitam o pensamento em torno da imagem, tangenciando de diferentes modos, os processos de linguagem e da criação artística. Completa o estudo a referência aos dois registros em torno do Real, que constituem o sujeito no campo da linguagem, a partir de Lacan: Imaginário e Simbólico. Também os processos artísticos, tais como literatura e teatro, na dimensão do desejo são por aí concebidos.

Palavras-chave: Imagem. Escrita. Teatralidade.

RÉSUMÉ

La *visibilité* de la narration se connecte à la théâtralité de *Nos ancêtres*, ce qui semble contribuer à l'œuvre scénique littéraire trans d'Italo Calvino. Lorsqu'il s'agit de la *visibilité*, la quatrième proposition pour ce millénaire, l'auteur se réfère à “culture de l'image”. La profusion d'images sans cesse multipliées à l'avancée des technologies numériques et le phénomène Internet, se concentre sur les processus cognitifs et sociaux, améliorer les processus de réception, ou de créer et de création images. La visibilité est liée à la “pensée en images”, profondément liée aux procédures de la création théâtrale. Ainsi, l'auteur décrit la façon dont les images ont dirigé le processus de création des trois oeuvres qui composent *Nos ancêtres*. Dans un autre aperçu des discussions qui traitent de la vidange de la représentation, il est Foucault, Blanchot et Lehmann, qui expliquent la pensée et de l'image autour, toucher de différentes façons, le processus du langage et de la création artistique. Compléter l'étude en référence aux deux disques à travers le Real, qui constituent l'objet dans le domaine de la langue, de l'Imaginaire et Symbolique lacanien. Aussi le processus artistique, comme la littérature et le théâtre, dans la dimension du désir sont conçus.

Mots clés: Image, L'écriture. La Théâtralité.

Ao tratar da quarta proposta para este milênio, Ítalo assim se refere à “civilização da imagem” questionando os potenciais imagéticos da atualidade:

O poder de evocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se numa humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas? Antigamente a memória visiva de um indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a um reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas (CALVINO, 1990, p.107).

A sensibilidade estética implica uma gama de experiências artísticas ainda não disponível para todos, de forma igualitária na atualidade. Calvino sintetizou na fórmula “pensar por imagens” um procedimento profundamente vinculado ao processo de criação teatral. Essa alusão a uma “pedagogia da imaginação” traz possíveis conexões com o processo de formação de leitores ou de artistas/espectadores.

Assim, o autor demonstra que no seu próprio trabalho de criação literária há o privilégio da imagem: “Parece-me que nessa situação o problema da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é um pouco assim como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual” (CALVINO, 1990, p. 99). São as imagens que se colocam em seu pensamento, antes de sua escrita, em um processo que se torna dinâmico, uma vez que posteriormente é a escrita que guiará a imaginação. Sendo assim, o escritor descreve como as imagens dirigiram o processo de criação das três obras que compõem *Os nossos antepassados*. “Quando comecei a escrever histórias fantásticas, ainda não me colocava problemas teóricos; a única coisa de que estava seguro era que na origem de cada um dos meus contos havia uma imagem visual” (CALVINO, 1990, p. 99).

Foucault, Blanchot, Deleuze exercitam o pensamento em torno da imagem, tangenciando de diferentes modos, os processos de linguagem e da criação artística. O trabalho da escrita ensaística ou de ficção, ao transgredir certos padrões de funcionamento da linguagem, propõe outras formas literárias ou artísticas, trazendo algumas noções inovadoras que são elucidadas a partir do “vazio” da representação.

Em *As palavras e as coisas* (1966) Foucault, após uma longa discussão em torno dos processos de representação, noção cara à linguagem e às artes, chega ao entendimento da literatura como “o ser da linguagem” (FOUCAULT, 2007, p. 58). Ele recoloca a questão da literatura:

A partir do séc. XIX, a literatura repõe à luz a linguagem no seu ser: não, porém, tal como ela aparecia no final do Renascimento. Porque agora não há mais aquela palavra primeira, absolutamente inicial, pelo qual se achava fundado e limitado o movimento infinito do discurso; doravante a linguagem vai crescer sem começo, sem retorno e sem promessa. É o percurso deste espaço tão vão e fundamental que traça, dia a dia, o texto da literatura (FOUCAULT, 2007, p. 104).

Desse modo, a linguagem se dá em movimentos que a criação literária e/ou artística permite. A literatura, na ordem do simulacro, tem o poder de criar

novas realidades, pela via do Imaginário, irremediavelmente ligada ao Simbólico e ao Real.

Torna-se premente nessa abordagem a referência às instâncias que constituem o sujeito no campo da linguagem, a partir de Lacan: Imaginário, Simbólico e Real, que são apresentados pela seguinte figura: “três círculos de barbante estão ligados por um nó borromeu, isto é, de maneira tal que, quando um dos círculos é desfeito, os outros dois também se desfazem (matema)” (CHEMAMA, 1995, p. 104). É por essa via que o processo de subjetivação humana tem sua origem e seu fim, perpassado pelo inconsciente, na linguagem. Também os processos artísticos, tais como literatura e teatro, na dimensão do desejo podem ser por aí concebidos. Para se entender um pouco mais sobre o funcionamento destes registros — Imaginário e Simbólico — em torno do Real, segue-se um resumo:

O imaginário deve ser entendido a partir da imagem. Esse é o registro do engodo, da identificação. Na relação intersubjetiva, é sempre introduzida alguma coisa fictícia, que é a projeção imaginária de um sobre a tela simples em que o outro se transforma. É esse o registro do eu, com aquilo que comporta de desconhecimento, de alienação, de amor e de agressividade, na relação dual (CHEMAMA, 1995, p. 104).

O Imaginário que encontra sua fundamentação na denominada “fase do espelho” se entrelaça à ordem do Simbólico, quando nas relações humanas está inerente a dimensão cultural. O inconsciente é constituído como linguagem e o sujeito é falante e falado pela cultura, logo, as manifestações artísticas perpassadas pela linguagem estariam inseridas nestes registros.

O Real não se confunde com a realidade, mas se refere à sua dimensão inapreensível, uma vez que foi expulso da realidade pela dimensão do Simbólico. “Definido como o impossível, o real é aquilo que não pode ser simbolizado totalmente na palavra ou na escrita e, por consequência, não cessa de não se escrever” (CHEMAMA, 1995, p. 182). Todo esse modelo poder ser mais bem entendido na dimensão do desejo inconsciente, uma vez que as infundáveis relações entre um “eu – outro” (intersubjetivas) ou entre “eu – Outro” (do indivíduo com a cultura, por exemplo) estão presentes nas criações e propõem a discussão acerca da linguagem e da arte, havendo a possibilidade de serem lidas a partir deste corpo teórico da psicanálise.

As criações artísticas, portanto, no campo da invenção de realidades são consideradas na dimensão do simulacro, dados o estatuto literário nos campos do infundável da criação. Sobre essa condição diz Levy:

Na versão literária, por sua vez, a linguagem deixa de ser um instrumento, um meio, e as palavras não são mais entidades vazias se referindo ao mundo exterior. Aqui, a linguagem não parte do mundo, mas constitui seu próprio universo, cria sua própria realidade. É justamente em seu uso literário que a linguagem revela sua essência: o poder de criar, de fundar um mundo (LEVY, 2003, p. 20).

O comentário da autora demonstra o processo literário que poderia ser o de Calvino, uma vez que ao apresentar suas personagens fictícias em histórias fantásticas e fascinantes, usa os recursos da linguagem que cria a si própria,

constrói novas realidades, uma vez que são criações do Imaginário e, conseqüentemente, no Simbólico acerca do Real.

Blanchot, Barthes e Calvino sugerem caminhos de uma escrita que inventa a si própria, incidindo em novas concepções acerca da criação artística, perpassadas pela autonomia do imaginário. Neste caminho, não só os filósofos da linguagem se manifestarão, mas principalmente os escritores/poetas e artistas com a inovação criadora.

Com essas considerações acerca do esvaziamento da representação, da capacidade da ficção de dar visibilidade às realidades que não teriam lugar, a não ser no espaço da criação, Blanchot se refere ao imaginário, noção imprescindível para que se entenda ou se contorne certa literatura moderna, pós-moderna, noção nascente da escrita automática ou expressiva, advinda dos surrealistas e, tomada ao extremo, por alguns escritores tais como Borges, Guimarães Rosa e o próprio Calvino. Em todos eles há a ruptura com a totalidade da história; os jogos de ambigüidades em que se descortinam a multiplicidade de saberes; a palavra com sua potência em recriar mundos; a escrita infundável.

Para o sujeito do inconsciente, constituído pela linguagem, esses registros estão conectados, embora diferenciados. O que nasce do Imaginário só pode se tornar legível pela via da escrita, universo Simbólico, ou da língua que obriga o modo de dizer da cultura. O Real, sempre inatingível, só poderia ser bordejado pelos registros imaginário ou simbólico, logo, é um universo a ser reinventado pela linguagem literária, resultando na ficção. Diz Blanchot: “É preciso negar o real para se constituir a (ir)realidade fictícia” (LEVY, 2003, p. 23). O real aqui, seria a realidade cotidiana, que é parte integrante, mas não se confunde com o Real, uma totalidade inalcançável, ou impossível de ser apreendida pela linguagem. Ao passo que a (ir)realidade fictícia nasceria do Imaginário em seu entrelaçamento com o Simbólico na perspectiva infundável de elucidação da realidade.

Este todo, ou nada, representado pela literatura se dá como acontecimento, e não como ideia, uma vez que é realizado. No entanto, deve-se ter claro que essa realização é sempre a realização de algo irreal, do real negado, e, por isso é sempre tomada de um ponto imaginário (LEVY, 2003, p. 23).

Acompanhando esses exercícios limítrofes da representação é que se chega necessariamente ao conceito de imaginário. Para Levy, a literatura se constituiria como realidade própria, inventora de universos e o espaço literário seria, portanto, “um espaço original, onde as coisas e os seres não são ainda” (LEVY, 2003, p. 32). E alguns processos de criação teatral também podem ser por essa via entendidos.

Toda essa discussão diz respeito, ainda, ao teatro Pós-dramático. Esse tipo de análise revela, então, que na base das coincidências entre o modo de funcionamento inconsciente na concepção de imagens, tanto no teatro, quanto na literatura, está o modo de funcionamento do Imaginário em sua indelével conexão com o Simbólico e com o Real, ou com a realidade. Lehmann se refere ao real, ora se afastando, ora se aproximando das acepções lacanianas:

“O teatro se dá como uma prática ao mesmo tempo totalmente significante e totalmente real” (LEHMANN, 2007, p. 166).

Os apontamentos aludem às relações possíveis, a partir dos signos da imagem, entre teatro e as outras artes, inclusive com a literatura, sobretudo quando se refere ao teatro pós-dramático, como “acontecimento” ou de “situação”.

Com a análise de um teatro que contradiz seu caráter de signo e tende ao gesto mudo, à exposição dos procedimentos, como se quisesse tornar conhecidos eventos enigmáticos em função de um objetivo desconhecido, alcançou-se uma nova dimensão da questão dos signos do teatro pós-dramático. Não se trata mais de sua combinação, não mais apenas da indecibilidade de significante (real) e significado, mas da questão de saber a qual metamorfose está sujeito o uso dos signos quando ele não pode mais ser dissociado de sua inserção “pragmática” no *acontecimento* e na *situação* do teatro em geral, quando sua lei já não deriva da representação *no* quadro desse acontecimento ou de seu caráter como realidade que se oferece, mas da intenção de produzir ou possibilitar um acontecimento. Nesse teatro pós-dramático do acontecimento há uma efetivação de atos que se realizam no aqui e agora e que têm sua recompensa no momento em que acontecem, sem precisar deixar quaisquer vestígios duradouros do sentido, do monumento cultural etc. (LEHMANN, 2007, pp. 169-170).

É desse modo que as invenções artísticas se distanciam da representação das realidades e tomam a via da reinvenção, do acontecimento: universo dos signos sensíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANCHOT, Maurício. **A conversa infinita: a palavra plural**. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.
- CALVINO, Ítalo. **Os nossos antepassados**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. 2. Ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Partido/Ítalo Calvino**. Adaptação e dramaturgia por Cacá Brandão. Belo Horizonte, Autêntica/PUC Minas, 2007. 80p.
- DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**, uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Michail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro Pós-Dramático**. Trad. Pedro Sussekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.